

Leonard cria anti-heróis gananciosos

O autor de 'Bandidos' elogia 'Jackie Brown', diz que escreve para entreter e se diverte com a crítica

Bandidos de Elmore Leonard.
Tradução de Aloys Calado. Editora Record, 288 pgs. R\$29

João Ximenes Braga

Correspondente • NOVA YORK

Aos 47 anos de carreira, 34 livros lançados e um ativo séquito de admiradores em Hollywood — entre as adaptações recentes de seus livros estão "Get shorty" e "Jackie Brown" — o que mais espanta e diverte Elmore Leonard é o fato de a crítica literária o considerar o maior escritor vivo de thrillers.

— Não penso no que faço como literatura, eu escrevo para entreter. Ainda assim sou procurado por professores universitários que dão cursos sobre meus livros. Eles tentam me explicar seus conceitos sobre "padrões de imaginário", e eu não entendo o que eles estão falando — diz. "Bandidos", um romance de 1987, é um dos quatro livros de Leonard cujos direitos de adaptação para o cinema foram comprados por Quentin Tarantino, o diretor de "Jackie Brown". A história gira em torno de um ex-ladrão de jóias que, depois de cumprir pena, trabalha numa casa funerária, e uma ex-freira recém-chegada da Nicarágua, onde cuidava de leproso. Eles se unem para combater um general nicaraguense que vem aos Estados Unidos levantar fundos para apoiar os "contras" naquele país. O plano é aparentemente simples: roubar o dinheiro. Isto é, os personagens são levados por um pouco de idealismo político, outro tanto de ganância. Tal ambigüidade é comum nos livros de Leonard, adepto fervoroso de anti-heróis.

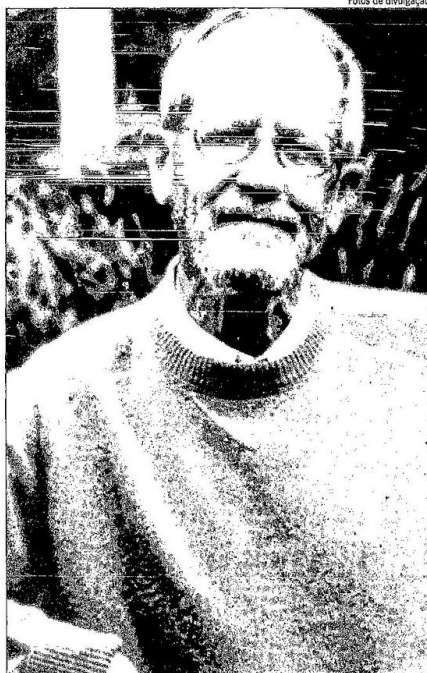
— Sempre achei os *bad guys* mais interessantes e engraçados, porque eles têm coisas mais interessantes a dizer. Quando um personagem tem um passado criminoso, você nunca está certo sobre o que ele vai fazer. Ele pode tomar qualquer direção.

Leonard está lançando seu primeiro romance histórico

Sempre afirmando não ter outras intenções além do entretenimento, o autor nega que "Bandidos" seja um *thriller* político. Mas seu livro mais recente também é focado nas relações entre os Estados Unidos e a América Latina. Primeiro romance histórico de sua carreira, "Cuba Libre" é centrado na guerra americana contra a Espanha pelo domínio de Cuba, no início deste século.

— Eu sempre fui fascinado pela guerra contra a Espanha. Ela foi apoiada pelo povo americano, que pensava estar libertando os pobres cubanos explorados, quando na verdade o objetivo do Governo era econômico. Quando garoto, nos anos 30, ainda ouvia referências a essa guerra e cheguei a conhecer alguns veteranos. Existem alguns paralelos entre "Bandidos" e "Cuba Libre". Basicamente, acredito que o Governo americano sempre esteve do lado errado, dos que estão no poder às custas do povo. Mas não posso dizer que meus livros sejam políticos.

O epíctero dos livros de Leonard está sempre nos personagens, e as tramas são desenvolvidas através dos diálogos. Isso garante a originalidade do autor num gênero em que habitualmente o mais importante é atrair a atenção do leitor com uma sucessão de quebra-cabeças.



ELMORE LEONARD: fascínio por personagens com um passado suspeito

'Sempre achei os 'bad guys' mais interessantes. Quando um personagem tem um passado criminoso, você nunca está certo sobre o que ele vai fazer. Ele pode tomar qualquer direção'

ELMORE LEONARD

— Eu começo com um personagem. Por exemplo, em "Rum punch", que deu origem ao filme "Jackie Brown", comecei com a ideia de escrever sobre um corretor de fianças, que fica sempre em contato com criminosos. Ele estaria financiando a fiança de alguém com quem pudesse se envolver, e então surgiu a ideia da aeromoça que trabalhava para um traficante. Enquanto eu escrevia, ela acabou virando a protagonista. Eu introduzo os personagens e, se gosto deles, eles ganham vida, e a história caminha naturalmente.

A naturalidade dos diálogos de Leonard é o que torna seus livros tão atraentes para cineastas e também o que desperta uma maior curiosidade sobre seu processo criativo: o próprio escritor diz já ter recebido cartas de leitores presos, perguntando como ele consegue escrever exatamente como eles falam.

— Eu simplesmente ouço as pessoas. Posso estar assistindo a um documentário sobre mineiros de carvão, e o jeito como um deles fala me dá a ideia para um personagem. Imagino que a maioria dos meus livros não seja bem traduzida, por causa do som e do ritmo do diálogo.

Nascido em Nova Orleans, onde se passa a história de "Bandidos", Leonard começou escrevendo textos publicitários e livros de banguê-bangue. Mas o mercado para o gênero foi se dissolvendo:

— Havia mais de 30 séries de *western* em horário nobre na televisão no final dos anos 50, e as pessoas pararam de ler livros do gênero. Eu não tinha desejo de escrever para a TV, pois não gostava do que via. Todos os *westerns* terminavam com um duelo na rua para ver quem podia sacar a arma mais rapidamente. O que provavelmente nunca havia acontecido na vida real.

Os *thrillers* foram a saída lógica para Leonard, em sua busca de realismo e de vendagem. O escritor é ambíguo ao falar sobre sua relação com o mercado editorial. Por um lado, acha que seus livros não são adequados para as massas, por não serem "agradáveis o suficiente", e não pretende fazer concessões. Embora escreva profissionalmente desde 1951, só em 1985, com o "Glitz", ele entrou na lista de mais vendidos do "New York Times", onde ficou por 16 semanas. Desde então, seus lançamentos sempre chegaram à lista. O romance "Cuba Libre" ficou lá quatro semanas.

Ao mesmo tempo, Leonard admite que dedicou o ano passado a escrever uma continuação de "Get shorty", de olho num novo filme com John Travolta que se transforma em produtor de cinema. Lançado em 1995, "Get shorty", o filme, se transformou num ponto de referência comercial para a carreira do escritor. Até então ele já havia se envolvido em



SAMUEL JACKSON e Robert De Niro em "Jackie Brown": adaptação fiel

NAQUELE MESMO DIA, LOGO ANTES de tocar a sirene no pátio, às 6h, e todo mundo ter de ir para algum lugar, o prisioneiro negro tinha se aproximado dele fazendo um som de beijo e dito: "Ei, acho que você faz o meu gênero", fazendo aquele som de beijo de novo, e Jack lhe deu um soco na boca franzida; fez meia volta e deu um soco com toda a carga do corpo. Pegou o cara de surpresa e o derrubou do mesmo modo que fazia quando tinha 15, 16 anos na praia do rio, e era só por diversão, não uma questão de ficar livre, longe da cama de outro cara.

Trecho de "Bandidos"

17 produções, entre roteiros originais e adaptações de livros seus. Mas o filme de Barry Sonnenfeld estrelado por Travolta, Danny DeVito e René Russo, foi o mais bem-sucedido, transformando o num escritor tão quente em Hollywood quanto John Grisham ou Michael Crichton.

— Na verdade, já tive mais livros adaptados do que Grisham e Crichton. Mas, depois de "Get shorty", eu me tornei mais próximo da produção cinematográfica, sem me envolver com ela. Eu já tinha decidido não escrever mais roteiros, porque você é um empregado, faz o que mandam ou é demitido. E eu já estava fazendo dinheiro com meus romances. Por mais de 15 anos, escrever roteiros e vender meus livros para Hollywood foi o meu ganha-pão. Mas várias vezes fui contra minhas ideias para satisfazer o produtor ou diretor.

Entre "Get shorty" e "Jackie Brown", surgiu "Touch", estrelado por Bridget Fonda. A história é inspirada na vida real de um padre franciscano que trabalha como missionário em Santarém, na Amazônia. E também produções para a TV, como "Pronto", dirigida por Jim McBride, e "Gold coast", estrelada por Peter Weller. Agora vem "Out of sight", superprodução dirigida por Steven Soderbergh, que estreará em junho nos cinemas americanos. No filme, o foco mudou para o personagem do ator George Clooney, mas, no livro, o personagem feminino é o principal. O que demonstra outra característica de Leonard pouco habitual no gênero: a força das mulheres.

— Lembro que há cerca de 20 anos um crítico disse que eu não parecia ter as mulheres em alta conta. Eu não concordava, e decidi me concentrar mais nos personagens femininos. Quero fazer



CAPA DO ROMANCE "Bandidos"

as histórias e os personagens pareciam realistas — conta.

Leonard gosta da adaptação de "Jackie Brown", que diz ser a mais fiel, e de "Get shorty" por ter acentuado os elementos cômicos do romance.

— Não escrevo comédias, mas meus livros têm se tornado mais engraçados nos últimos dez anos. Estou relaxando mais e me levando mais a sério.

Trânsito entre a música popular e Hollywood

Para a continuação, "Be cool", o personagem Chili Palmer resolve fazer um filme sobre uma cantora, o que dá chance a Leonard de satirizar a indústria fonográfica, assim como fez com Hollywood no primeiro livro. Para isso, elegeu uma desconhecida banda de rock de Los Angeles, The Stone Coyotes, para servir de guia.

— Comecei com a ideia de usar uma cantora e me concentrei em Alanis Morissette. Mas no ano passado assisti a um show dos Stone Coyotes no Troubadour, em Los Angeles, e falei: "É isso". Era algo que Chili Palmer entenderia. Conversei com a cantora Barbara Keith e pedi para usar a música deles no livro. Dei alguns dos meus livros, eles viram que eu era sério e concordaram. Barbara já teve um contrato para gravar na Warner, mas desbolveu o dinheiro quando descobriu que iam reanjar sua música.

O escritor tem participado dos shows dos Stone Coyotes, lendo trechos de "Be cool". Mas ele garante que não é nada comparável a uma performance *beatnik*, com a pretensão de unir música e literatura. O trânsito de Leonard entre a música popular e Hollywood segue a visão nada purista que o autor tem de sua própria obra: que importa é todo mundo estar se divertindo. ■

'Inquietudes' é álbum fotográfico feito de palavras

Prosa de Lucelena Ferreira foi elogiada por Manoel de Barros

Inquietudes de Lucelena Ferreira.
Editora Sette Letras, 76 páginas. R\$12

Luciano Trigo

Remunição de fragmentos de prosa poética, "Inquietudes", livro de estreia de Lucelena Ferreira, envolve o leitor numa estranha atmosfera. Elogiada por Manoel de Barros ("Quanto tempo não aparecia para mim um poeta verdadeiro e humano como você"), a autora refina, com habilidade, concisão e sentimento, elementos de difícil conciliação. São reminiscências de infância, reflexões sobre a separação ou simples instantâneos de um cotidiano nem sempre fácil de se enxergar.

Lucelena é contadora de histórias e participou do Programa Nacional de Incentivo à Leitura, da Biblioteca Nacional. Vem daí talvez a oralidade de sua prosa — uma prosa contemplativa, marcada por um certo namoro com a escrita automática e por brincadeiras com a linguagem. Não seria difícil apontar as influências de Guimarães Rosa, Clarice Lispector ou Dalton Trevisan, mas o importante é que, sem a pretensão de fazer algo original, a autora demonstra ter uma voz própria, plenamente amadurecida.

Tom confessional conquista o leitor

Estranho álbum fotográfico feito de palavras, "Inquietudes" traz pequenos textos sobre tensões relações familiares, como "Estação" ("Do quarto estranho a mãe falando alto. E se apertou no cantinho. Dia seguinte, o pai indo e vindo na cadeira de balanço. Luz mantida, tremendo a vela. O menino, sentado no degrau, azulava medos novos. A mãe veio de dentro com mala de viagem. A mãe indo e vindo. Pingos de céu quente e escurecendo").

Em outros, escritos na primeira pessoa, há um tom confessional que, verdadeiro ou não, conquista a complexidade do leitor. É o caso de "Memória": "Acertamos cantar juntos, ele resistiu. Fiquei sozinha na praça, povo em volta, rezo de procissão. No império, desentranhei notas graves e esquecidas. Tudo agradecido a Deus de mim explicito: recôito da sua voz". ■

CURSO DE POESIA E PROSA
LABORATÓRIO DAS LETRAS

Aulas individuais ou em Grupo

Tel.: 539-6260 Marise Eduane

O NEPEC - Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Espaço e Cultura - do Departamento de Geografia da UERJ está lançando, o número 4 da *Revista Espaço e Cultura*, um periódico especializado na análise da dimensão espacial da cultura. O presente número privilegia a temática da paisagem, através da transcrição do artigo de H. Bobek e J. Schmitzen, publicado originalmente em 1950, sobre o método de investigação da paisagem e de uma vasta bibliografia sobre a temática em tela, incluindo textos clássicos recentes. O número 4 inclui ainda artigos abordando a dimensão espacial da religião, através de suas relações com a escravidão na Bahia, as relações entre o nomadismo e a festa judaica do Succot e a territorialidade pentecostal na região metropolitana do Rio de Janeiro.

A *Revista Espaço e Cultura* pode ser adquirida no próprio NEPEC / UERJ, Rua São Francisco Xavier, 524, sala 4017 - Bloco C - 4º andar.

RODAPE

• COLEÇÃO AFRÂNIO PEIXOTO

A Academia Brasileira de Letras acaba de lançar três novos títulos que integram a "Coleção Afrânio Peixoto": "Das letras à filosofia", do acadêmico Miguel Reale, "Obras poéticas", de Alvarenga Peixoto, com introdução e notas de Domingos Carvalho da Silva e "Ribeiro Couto no seu centenário", organizado pelo embaixador Vasco Mariz.

• LANÇAMENTOS

Amanhã: "Acéita um cafezinho? Diário de uma aeromoça", de Malu Grabowski, às 19h, no Atril; "Diário de um homem", de Santos Dumont. Segun-

20h30m, no Espaço Unibanco de Cinema (Rua Voluntários da Pátria, 35), com debate depois dos autógrafos; "A paixão de uma utopia", de Daniel Aarão Reis, às 19h30m, no Argumento (Rua Dias Ferreira, 417); "Gênero e ciências humanas", de Neuma Aguiar, às 20h, na Timbre (Shopping da Gávea). Terça, 2: "Arte é o que eu e você chamamos arte", de Frederico Moraes, às 20h, na Timbre. Quarta, 3: "Mulher: feminino plural", de Dulcinéia Monteiro, às 20h, no Argumento; "O nada cotidiano", de Zoé Valdes, às 18h, no Centro Cultural Banco do Brasil

roz", de Marlene Gomes Mendes, "Paulicéia desvairada", de Maurício Martins do Carmo e "Revista Gragoatã", às 19h, na Livraria do Museu (Rua do Catete, 153). Quinta, 4: "A busca", de Maria Julieta Drummond de Andrade, com leitura de trechos da obra pela atriz Camilla Pitanga, às 16h, no prédio da diretoria do Jardim Botânico (entrada pela Rua Pacheco Leão, 915); "Eu-Corpo: o ego e o corpo em Freud", de Liana Alberaz de Mello Bastos, às 19h, no Museu da República; "História dos judeus no Rio de Janeiro", de Henrique Veltman, às

"Canta Que a Vida é Um Dia" de Chico Bessa

Canta Que a Vida é Um Dia
Suplemento de uma obra
com prefácio de Chico Bessa

Um Brasileiro Nas Tropas do Tio Sam

Stozek serviu no exército americano durante 24 meses. É a visão de um imigrante brasileiro nos EUA

VIVI e OUVI

Álvaro Ferraz de Alencar

Histórias cheias de humor e experiências cariocas que Álvaro viu e

da, l: "A opção brasileira", orga- nização de César Benjamin, às	(Rua Primeiro de Março, 66); Três Marias de Rachel de Quei-	20h, na Rua Visconde de Pirajá, 276.		tel/fax: 547-3020 / 256-2938 e-mail: vassao@espacemil.com.br rua Siqueira Campos, 43/601		Ouvir, para deleite dos leitores.	tel: (021) 587-7468, ou pelo e-mail Zeny@uerj.br
---	--	---	--	---	--	---	---